

AS SPORTSWOMEN E A NOVA HISTÓRIA: “GÊNERO” ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE HISTÓRICA NOS ESTUDOS DO ESPORTE¹

Paula Viviane Chiés 

Resumo: O presente estudo buscou compreender o processo histórico de participação das mulheres no Esporte brasileiro no período de 1920 a 1950. Foram analisados os conteúdos publicados na imprensa esportiva da época, além da análise de documentos divulgados em centros de memória da Educação Física e Esporte. Foram identificados obstáculos à participação efetiva de mulheres no Esporte, sendo reservadas as suas participações a funções de ornamento dos eventos sociais e esportivos, passando no decorrer da década de 1940 a se constatar mudanças a partir de uma gradual inserção esportiva.

Palavras-chave: História das Mulheres. Esporte. Gênero.

SPORTSWOMEN AND NEW HISTORY: “GENDER” AS A CATEGORY OF HISTORICAL ANALYSIS IN SPORT STUDIES

Abstract: The aim of the study was to discuss the historical process of women's participation in Brazilian Sport from 1920 to 1950. Contents published in the sports press at the time were analyzed, in addition to the analysis of documents published in Physical Education and Sport memory centers. Obstacles to the effective participation of women in Sport were identified, their participation being reserved for functions of ornament of social and sporting events, passing in the course of the 1940s to verify changes from a gradual insertion in sports.

Keywords: History of women. Sport. Gender.

DEPORTISTAS Y NUEVA HISTORIA: EL “GÉNERO” COMO CATEGORÍA DE ANÁLISIS HISTÓRICO EN LOS ESTUDIOS DEL DEPORTE

Resumen: El presente estudio buscó comprender el proceso histórico de la participación de la mujer en el deporte brasileño entre 1920 y 1950. Se analizaron contenidos publicados en la prensa deportiva de la época, además del análisis de documentos publicados en centros de memoria de Educación Física y Deporte. Se identificaron obstáculos para la participación efectiva de la mujer en el deporte, reservándose su participación para funciones de ornamento en eventos sociales y deportivos, y en el transcurso de la década de 1940 se comenzaron a observar cambios a partir de una paulatina inserción en el deporte.

Palabras clave: Historia de las Mujeres. Deporte. Género.

¹ Este estudo foi desenvolvido sob a linha de pesquisa: *Memória, Mulher e História da Educação Física*, em atividade junto ao Grupo de Estudos Socioculturais e Pesquisa em Educação Física (GESPEF-UEG) e o Centro de Memória *Atalante* (CEME *Atalante*).

Introdução

A participação das mulheres no Esporte ressoa como a um “não lugar”, simbolizado como invasão de um espaço alheio, isso porque, observa-se a construção história do “esporte enquanto área reservada masculina” (DUNNING; MAGUIRE, 1997, p.321), um cenário marcado pela valorização do que socialmente se definiu como masculino, quanto às referências de resultados e feitos competitivos, e ao discurso imperante na imprensa esportiva. Nas primeiras décadas do século XX, particularmente, sob o olhar de uma das maiores escritoras inglesas Virginia Woolf, havia identidades sociais separadas e opostas para homens e mulheres. Em seu romance histórico, *Mrs. Dalloway*, publicado em 1925, a escritora ressalta sobre determinada personagem: “[...] como Lady Bexborough, lenta e majestosa; mais para robusta; interessada em política como um homem [...]” (2021, p.12, grifo meu). Assim como na política, o Esporte aparecia no início do século XX como um espaço masculino, que remetia à mulher diferentes simbolismos (bela, encantadora, formosa, dentre outros) como obstáculos a sua participação esportiva efetiva.

O percurso do final do Brasil oitocentista para as primeiras décadas do século XX tem chamado a atenção pelas transformações eminentes na inserção de mulheres no Esporte, especialmente, na caracterização que essa prática social – o Esporte, foi garantindo historicamente às mulheres (MAZO, FROSI, 2009; MAZO, SILVA, LYRA, 2010; SILVA, PEREIRA, MAZO, 2010).

No campo da história da Educação Física, a categoria analítica “gênero” tem subsidiado um olhar importante sobre os indícios deixados pela participação social e esportiva das mulheres no percurso histórico de formação das precursoras escolas superiores da área, da criação dos clubes esportivos e de como as mudanças advindas da formação das cidades alteraram as formas da sociedade compreender o corpo e suas possibilidades em novas relações com o ambiente, com o tempo e com um novo espaço assinalado pela urbanização crescente no começo do século XX.

O gênero enquanto categoria de análise histórica deve ser apreendido como a história de homens e mulheres no contexto histórico, político e social. Entretanto, o termo “gênero” foi bastante utilizado em livros e artigos como sinônimo de “mulheres”, com isso, ao falar delas referiam-se ao termo “gênero” como uma maneira de discutir sobre a história das mulheres sem adentrar no campo de estudo da desigualdade. Isso implicou na criação de uma dependência da história das mulheres à dos homens, dando uma ideia de que a história delas “[...] faz parte do mundo dos homens, que é criado dentro e por esse mundo” (SCOTT, 1995, p.75). Não haveria como englobar as mulheres no suposto sujeito universal da história, portanto, para fugir dessa limitação, coerentemente, tratar da realidade da mulher na história passou a ser direcionada de maneira específica como “história das mulheres”.

O presente estudo, justamente, teve a finalidade de vislumbrar nuances da questão de gênero, imersas no processo de inserção das mulheres nas práticas e competições esportivas das primeiras décadas do século XX no Brasil. Nessas nuances almejou-se compreender as transformações na caracterização da presença das mulheres nos espaços esportivos, clubes e/ou associações esportivas no decorrer do período; ampliando o olhar sobre os obstáculos que proibiram historicamente a plena participação das mulheres no Esporte, assim como, abordando uma ala de questões referentes às representações das atletas na imprensa esportiva.

Como olhar para a história das mulheres? Decisões Metodológicas

Para alcance do objetivo do estudo, foram analisadas as publicações da imprensa esportiva brasileira entre as décadas de 1930-1950, no *Sport Illustrated*, jornal de origem portuguesa e que foi publicado no Brasil especificamente no Rio de Janeiro entre 1920 e 1956. Vale ressaltar que os anúncios, reportagens e artigos identificados nesse jornal evidenciam-no como um espaço relevante no qual se espelham as normativas da sociedade e, ao mesmo tempo, mecanizam-se representações sobre a sociedade e o

campo esportivo nas décadas de 1930 a 1950, não de forma isolada ao cenário esportivo carioca, mas ilustrando cenas esportivas propagadas em todo o Brasil.

O estudo priorizou a análise da imprensa esportiva carioca pelo fato do Rio de Janeiro no período, enquanto capital do país, ter representado o elo do Brasil com as ditas novidades de transformações culturais e sociais que resvalaram no desenvolvimento histórico do Esporte pela influência estrangeira, aspecto observado, inclusive, nas expressões em inglês adotadas nos diferentes jornais, como *sporstown*, *gentleman*, dentre outros exemplos.

O Esporte caminhou passo a passo com tais transformações do universo cultural na passagem das décadas, algo que se almejou observar no presente estudo pela abordagem dos significados da prática esportiva feminina nos clubes emergentes, nas mudanças de hábitos e valores quanto ao corpo, nas reivindicações de direitos quanto às mulheres na formação da sociedade do século XX.

Afora a análise do acervo da imprensa esportiva, o estudo verificou os espaços digitais dos seguintes centros de documentação e memória: Centro de Memória do Esporte (CEME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Centro de Memória Inezil Penna Marinho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e Biblioteca Nacional Digital Brasil da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). O repositório digital do LUME na Universidade Federal do Rio Grande do Sul também trouxe subsídios históricos para a coleta de dados por intermédio da disponibilização pública de seus acervos.

A escolha temporal dessa pesquisa se justifica por uma conjunção de critérios. Primeiramente, o período das primeiras décadas do século XX abrangeu a formação das primeiras turmas de professoras de Educação Física no Brasil, destacando a Escola Superior de Educação Física criada em 1934 em São Paulo e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos fundada no Rio de Janeiro em 1939, somando-se às repercussões das conquistas

esportivas de atletas brasileiras, por exemplo, Maria Lenk e Piedade Coutinho (ambas na natação). Assim como, os “ventos” de modernidade que vinham da Europa e Estados Unidos, singularizaram-se em transformações sociais, culturais e econômicas para a cidade carioca no início do século XX, dentre elas a formação de espaços de convivência social, clubes, associações e realizações de campeonatos por todas as regiões do Brasil. Não por acaso, no período ainda surgiram jornais direcionados à imprensa esportiva, com edições marcantes na leitura histórica do Esporte brasileiro da fase da 1920 a 1950.

Gênero como categoria analítica histórica nos Estudos do Esporte

A história das mulheres não diz respeito a uma história separada da dos homens, assim como, não se refere a uma história restrita ao sexo ou à família, mas foi moldada em interligação com a história política e econômica, mesmo a esfera do mundo privado, a qual foi garantida às mulheres nos últimos séculos, também se compreende como um espaço público (SCOTT, 1995). Acima de tudo, fazer a história das mulheres diz respeito a todos nós, e no campo acadêmico, indica o imperativo de revisão da experiência masculina e da experiência feminina no passado, afora da conexão entre a história passada e a própria prática histórica.

Para a historiadora estadunidense Joan Wallach Scott, as respostas aos desafios de construção de uma nova história, dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica. A maneira pela qual esta nova história deve, por sua vez, incluir a experiência das mulheres e dela dar conta, depende da medida na qual o gênero pode ser desenvolvido como uma categoria de análise, exigindo a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva das mulheres, quanto as atividades públicas e políticas.

Para isso é necessário analisar o individual, mas não dissociadamente, como afirma Tilly (1994) ao ressaltar a formação das mulheres como sujeitos efetivos da história:

[...] isto não é um apelo para integrar a história das mulheres a uma outra história, o que poderia significar apenas acrescentar materiais sobre mulheres e gênero sem analisar suas implicações, mas é um apelo para escrever uma história analítica das mulheres e para vincular seus problemas àqueles das outras histórias. É exclusivamente através desta confrontação que a história das mulheres terá possibilidades de modificar o quadro geral da história no seu conjunto [...]. (p.29)

Na década de 1960, o feminismo da segunda onda produziu o contexto para o surgimento do movimento esportivo de mulheres na América do Norte e na Europa Ocidental e produziu um crescimento da presença das mulheres nos esportes, tanto em nível nacional quanto internacional. No período, o chamado “movimento disciplinar” nos Estados Unidos trouxe o imperativo de que a área dos Estudos dos Esportes (até então conhecido como Educação Física) se tornasse uma "disciplina acadêmica" (ao invés de uma disciplina aplicada ou pedagógica) e para que isso acontecesse era necessário empreender pesquisas de cunho teórico (BANDY, 2014). No contexto desta transformação surgiram diversas subdisciplinas aliadas à necessidade de formação de um viés mais científico, abrindo caminho para o diálogo com teorias de outras áreas do conhecimento, tais como História, Sociologia etc. As questões da mulher e o conceito de "gênero" foram então abraçados pelas acadêmicas feministas, e a área dos Estudos dos Esportes mudou drasticamente.

A inserção do conceito de "gênero" nos Estudos dos Esportes ocorreu em 1978, em uma monografia intitulada *Sport and Gender: A Feminist Perspective on the Sociology of Sport* de autoria da socióloga canadense Ann Hall. Ao trabalhar com a perspectiva feminista, Hall desenvolveu uma revisão sobre as produções acadêmicas da Sociologia voltadas às experiências das mulheres nos esportes. Para Susan Bandy (2014) a alocação do termo “gênero”

nos estudos do esporte, ao invés de “sexo” foi marcante para transformar as pesquisas na área dos Estudos dos Esportes, afastando as análises de um determinismo biológico e padrões comportamentais associados a um sexo.

Encantadoramente Lindas! Flamengo acima, Flamengo abaixo...

No dia 12 de setembro de 1933, no Centro Militar de Educação Física, foi realizado em seu ginásio e campos externos, o Torneio Colegial de Basquetebol do Rio de Janeiro, organizado pelo periódico *Jornal de Sports*². Nesses eventos típicos do campo escolar, era comum a participação diferenciada de homens e mulheres, eles como competidores e elas como torcedoras graciosas, assim observa-se em reportagens: “elemento feminino escolar compareceu, representado por mais de vinte moças graciosas e lindas senhoritas [...] não há melhor estímulo para os competidores do que uma torcida feminina...” (p.16)³. Nas imagens registradas da época com os competidores do torneio e outras com as torcedoras, as reportagens ressaltavam os numerosos quadros disputantes do Torneio e algumas representantes do belo sexo, que se incluíram no quadro, ornando-os com sua graça e beleza.

Em 1920, o *Sport Ilustrado*⁴, lança um concurso de beleza “Qual a mais bella torcedora carioca?”: “[...] outro intuito não tem se não o de homenagear as lindas torcedoras cariocas, que tanto brilho emprestam às partidas [...]”, até como uma forma de reforçar esse papel às mulheres na Esporte, o

² Criado em 1931, o *Jornal dos Sports (JS)* tornou-se um marco para a imprensa esportiva como o primeiro periódico diário no Brasil, continuando a existir ao longo de todo o século XX, tendo finalizado seus trabalhos apenas no início dos anos 2000. Esse jornal era uma referência para a divulgação do que ocorria de mais importante nos estádios, quadras, ringues e piscinas esportivas (COUTO, 2016).

³ Torneio Carioca de Basquetebol. *Revista de Educação Física do Exército*, Rio de Janeiro, v.02, n.08, 1933.

⁴ Para a palavra “mulher” foram analisadas suas 375 ocorrências no texto e para a palavra “mulheres”, 115 ocorrências. Essas inferências foram ponderadas, primeiramente, pelo caráter crítico que superasse as citações descritivas, a partir daí, todas as reportagens foram avaliadas em suas possibilidades de traduzir a participação e papel social das mulheres nos clubes esportivos da época.

periódico intervia com diferentes fotos publicadas de torcedoras, enfim, o que estariam elas fazendo em uma partida de futebol, a não ser embelezando o espaço, essa era uma mensagem constante nas entrelinhas do conteúdo textual e visual, vide na imagem abaixo, publicada com a seguinte chamada: “Flamengo acima, flamengo abaixo, e Milles⁵. Passam e repassam, encantadoramente lindas, como perguntando: qual de nós mais bela?”.

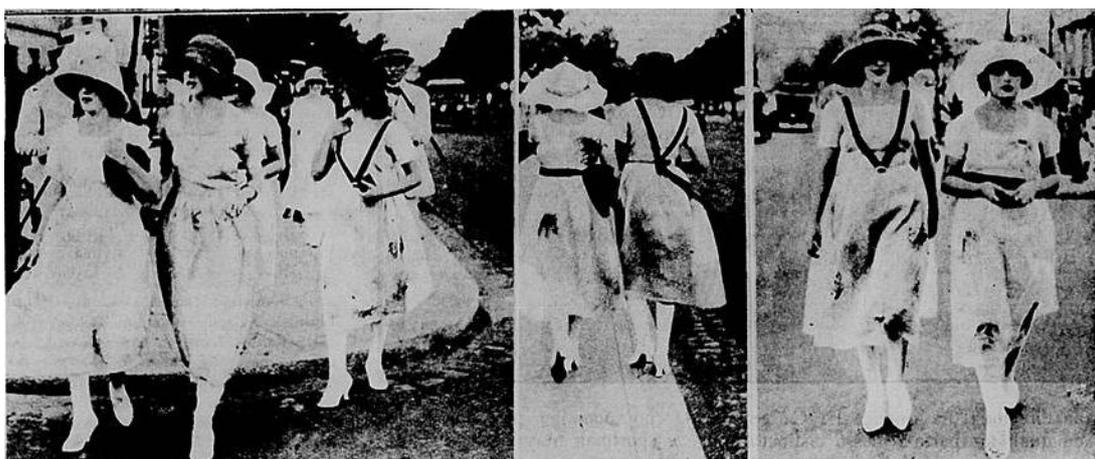


Figura 01 – No Footing do Flamengo⁶
Fonte: Sport Ilustrado, Rio de Janeiro, n.24, 1921.

Do final do século XIX às primeiras décadas do século XX, a presença feminina no contexto esportivo foi marcada pela definição de papéis delineados de torcedoras e embelezadoras dos ambientes sociais e políticos das primeiras associações esportivas, portanto, elas tinham um papel secundário nesses espaços públicos. Suas imagens eram utilizadas para a caracterização de ambiente familiar a ser dada a qualquer evento, eram as assistentes nos grandes salões, além de tudo, desfilavam sua elegância e

⁵ Palavra inglesa com referência a mademoiselle (madame, dama – tradução própria).

⁶ Não observar apenas o texto, mas deslocar a análise para as imagens da época, foi uma escolha metodológica que se justifica pela importância em se perceber e interpretar o “não dito” e vislumbrar gestos, expressões e incursões no corpo que pudessem caracterizar o verdadeiro teor da presença feminina em suas primeiras práticas esportivas do período. “[...] As imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida [...]” (Peter BURKE, 2017, p.24), por isso é fundamental o uso do testemunho das imagens para identificar “nas entrelinhas” o imaginário social presente no passado e suas repercussões no hoje, reproduzidas e desenhadas sob outros sinais.

aproveitavam a exposição que as levaria a um bom matrimônio em manutenção da tradicional estrutura social.

No caso do desenvolvimento histórico do futebol no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, as relações com a modalidade eram manifestadas exclusivamente pela elite, tanto paulistana como carioca. Havia uma fronteira econômica de acesso ao referido esporte, pela adoção de vocabulário inglês (*corner, hands, off side, center forward*) na organização dos jogos, exigindo proximidades com o idioma, afora isso, a inserção nos clubes e materiais para a prática requisitavam investimentos restritos aos rapazes das famílias da alta sociedade. Em um primeiro momento era defendido um ar de fraternidade nos jogos, entretanto, com o tempo as características amistosas foram perdendo espaço para animosidades. As competições começaram a retratar um palco de disputas que se sobrepunha às quatro linhas, sendo que a imprensa esportiva também contribuía para acirrar os ânimos, empregando uma linguagem marcadamente bélica em suas crônicas na semana que antecedia aos jogos (MURILHO DA SILVA, 2010). Nesse contexto, a presença de mulheres no cenário esportivo passou a ser configurado como elemento importante para garantir o bom ambiente nos estádios, tanto que elas eram lembradas em campanhas para a moralização dos estádios.

Até meados do século XIX, às mulheres não era visibilizada a participação direta nas competições esportivas, principalmente, àquelas pertencentes às elites, essas mulheres acompanhavam seus pais ou maridos, e pela classe econômica e social podiam exibir seus vestidos como parte da moda própria dos hipódromos. Nota-se que as mulheres desempenhavam a função de assistentes nas festas dos clubes, pois os referidos encontros eram para que os atletas pudessem se divertir, festejar as vitórias e conhecerem as famílias. Como elas não eram atletas, tinham suas participações reduzidas à assistência e ao embelezamento das festividades, acompanhando seus maridos e pais.

Ainda na década de 1920, o Sport Illustrado (p.05) publicou uma reportagem escrita por Doutora Lanteri, sob o título “O sport e a mão da mulher”. Na reportagem a então doutora ressalta a importância da sociedade apoiar a prática esportiva feminina, superando as ditas mensagens e receios da época representados pelas afirmações de lubeiros de Londres: “[...] desde que a mulher começou a praticar o *sport*, como o homem, sua mão tem aumentado de maneira bastante visível para elles [...]”. Em contraposição, Lanteri destaca:

[...] nenhum espirito bem equilibrado pôde preferir á frágil mão de uma boneca, incapaz de suster uma taça de chá á forte, sã e cheia de vida de uma mulher que sabe conduzir um cavallo e manejar dextramente um remo. Não desdenhem as mullheres a pratica do sport para evitar que sua mão ou seu pé tenham uns milímetros mais.

As frases com a reiteração de palavras como “belas, frágeis e encantadoras” era como um “passe de permissão” das mulheres no cenário do esporte, reforçando que dentro da prevalência desses significados a sociedade permitiria a participação feminina, fora desses parâmetros, essa participação seria questionada, desvalorizada e rechaçada. Em uma reportagem de 1939, intitulada “O Encantamento da mulher mineira nos exercícios físicos”, destaca-se que a imagem das mulheres como “[...] cheia de encantos, figura pelos seus dotes phisicos e de espirito como *criaturinha* privilegiada neste vasto Brasil de Mulheres Lindas...[...]

 (grifo de origem)⁷.

Influência Germânica e o trinômio “atleta-mulher-mãe”: Mulheres nas primeiras associações esportivas brasileiras

O marco de transição do papel das mulheres na formação das primeiras associações esportivas no Brasil foi caracterizado como reflexo do processo de transformação da identidade social da mulher na época. Nos primórdios da

⁷ Sport Illustrado, Rio de Janeiro, v.51, n.2, ano 1939.

criação das agremiações esportivas, as mulheres ainda tinham atuações restritas à ideia de mulher-mãe-dona de casa, tanto que suas primeiras expressões foram marcadas como elo entre as famílias da elite teuto-brasileiras, atuando como meio de socialização e representações de papéis definidos nesse meio associativista “[...] os prados eram locais de sociabilidade, de ver e ser visto, onde as famílias firmavam sua representação social, na segunda metade do século XIX [...]” (MAZO; DA SILVA; LYRA, 2010, p. 05).

Com isso as associações esportivas surgiram como afirmação das culturas luso-brasileiras, ítalo-brasileiras e teuto brasileiras. Essas culturas expandindo suas influências no contexto brasileiro, também foram as que obtiveram maior ascensão econômica, política e migratória no Rio Grande do Sul, sobretudo, a imigração alemã que evidenciou a prática do germanismo como símbolo da região sul do país. Dentro das associações esportivas os alemães foram relacionados a nacionalidade brasileira por estarem ligados diretamente a participação política e econômica no Brasil (MAZO; FROSI, 2009). As associações, além de se constituírem em espaços de práticas esportivas, também eram lugares de sociabilidade, lazer e preservação da cultura dos imigrantes e de seus descendentes (MAZO, PEREIRA, 2013).

Nessa época, as navegações eram pontos de transporte e comércio, com isso a ascensão econômica nas cidades, onde havia portos, foi facilitada, conciliando possibilidades a que as famílias de comerciantes se consolidassem economicamente e, ainda, pudessem enviar os seus filhos à Europa para estudarem. Esses jovens ao retornarem, trouxeram novas ideias e práticas esportivas que tiveram inserção nas colônias agrícolas. Por exemplo, no clube Estrela onde a ginástica era praticada em pequenos centros comerciais; em Teutônia existiam, principalmente, as práticas de tiro ao alvo, bolão e a bocha; e em Porto Alegre, o turfe, remo (prática importante para introdução das mulheres nas associações) e a ginástica alemã, sendo que “[...] a primeira associação esportiva do Rio Grande do Sul foi a *Deutscher Turnverein*

(Sociedade Alemã de Ginástica), fundada em 1867, na cidade de Porto Alegre [...]” (KILPP; MAZO; LYRA, 2010, p. 05). Essa primeira associação fundada pelos teuto-brasileiros, abreviada como SOGIPA, incentivou inicialmente o *turnen*, expressão do idioma alemão traduzido como “ginástica”, mas que, além da “ginástica de aparelhos” (atual ginástica artística), englobava a corrida, a esgrima, jogos, entre outras práticas (MAZO, PEREIRA, 2013).

Dentro das associações esportivas apenas famílias que faziam parte da burguesia inseriam-se nos prados para socialização e participação das práticas oferecidas, até aproximadamente final do século XIX e início do século XX, a participação de mulheres era considerada apenas parte do embelezamento das arquibancadas. Segundo Hofmeister (1979), a participação “efetiva” delas iniciou com Elisa Bins que colaborou financeiramente para importação de barcos vindos da Europa para a prática do remo, dando suporte à criação do primeiro clube de remo em Porto Alegre no ano de 1888 e primeiro do Rio Grande do Sul, como a associação esportiva considerada mais antiga, o Ruder Club Porto Alegre. Com esse patrocínio, as mulheres assumiram o papel de bordar as bandeiras para os clubes, e quando os barcos chegavam, eram escolhidas para serem suas madrinhas e deveriam estar sempre nos eventos de batismo para embelezar e preparar o espaço para os homens.

Nos registros históricos da *ata* de sessão de fundação do Ruder Club, realizada em 21 de novembro de 1888, aparece o nome de Elisa Bins dentre os participantes da reunião. Vale ressaltar que a referida senhorita, assim chamada na ata da reunião, por mais que historicamente seja considerada pioneira na participação feminina na criação dos clubes esportivos, ainda apresentava, na verdade, uma posição social que se sobressaía e lhe oferecia subsídios para estar na posição de articuladora na formação desses clubes. Assim, o fator econômico tinha o poder mais alto de expressão, afora não se identificou participação direta de Elisa Bins como competidora esportiva na época.

Essa constatação do papel de Elisa Bins não desmerece a sua presença e participação histórica, além disso, subsidia e reforça uma caracterização histórica das mulheres na época, sendo participes de eventos e decisões, quando suas posições sociais se sobrepunham, muitas vezes, por intermédio do poder representativo de familiares nas associações esportivas. Essas mulheres também tinham um papel afastado da prática esportiva, e mais próximo de símbolos de um ritual de leveza e talentos ditos femininos, como o bordado, a organização do ambiente, ou mesmo, em práticas manuais estereotipadas como de presteza feminina. Segue abaixo trecho da citada ata de reunião realizada em 13 de junho de 1889.

[...] Baile de Gala no Salão da Philarmônica Porto Alegrense, efetuado com grande animação e brilho. Na manhã seguinte, segundo as cerimônias de estilo, foi procedido o batismo dos dois 'gigs' a seis remos, OLGA e ELISA, sendo madrinhas as senhoritas Olga Englert e Elisa Bins. Na oportunidade foi entregue por um grupo de senhoritas, a primeira bandeira do RUDER CLUB PORTO ALEGRE, feita de seda branca e bordada à mão, com uma estrela central azul marinho e o nome do clube por extenso. A bandeira foi colocada na proa do ELISA e sua tripulação contornou o paquete DOM PEDRO, a bordo do qual achavam-se os convidados, associados e familiares. Dirigiu-se então, para a Ilha da Pintada, seguido pelo DOM PEDRO. Durante todo o dia, naquele aprazível local, realizaram-se festividades debaixo do maior entusiasmo e brilhantismo, somente encerradas ao anoitecer [...] (sp).

O processo de transformação das mulheres de coadjuvantes do contexto das associações e eventos para a sua inserção na sociedade esportiva como praticantes e competidoras deu-se de maneira compatível às particularidades da cultura da mulher alemã no Rio Grande do Sul. As mulheres alemãs também auxiliavam nos trabalhos do campo e ao chegar no Brasil aprenderam a manusear armas para defender suas casas, assim, a participação em ambientes considerados masculinos tornou-se mais comum, como na prática do tiro ao alvo, ainda que deixadas a margem. Contudo, a primeira fase de inserção da prática efetiva nas associações iniciou pelo papel como alunas da ginástica alemã, em um contexto diferenciado entre casadas e solteiras,

posteriormente, algumas se formaram como mestres da modalidade. Gradativamente, esse quantitativo foi crescendo chegando a 19 mulheres formadas como mestres da ginástica alemã na década de 1930 (MAZO; SILVA; LYRA, 2010).

Para retratar a transição do papel social das mulheres, uma das referências utilizadas foram as primeiras associações esportivas na região sul do Brasil. Essa região foi identificada como referência, pois junto à imigração europeia ocorrida na região após a Segunda Guerra Mundial, que influenciou no surgimento das primeiras associações (esportivas) e clubes brasileiros, o contexto esportivo crescente na região, gradativamente, promoveu a difusão da proposta para outras regiões, assim como parcerias com regiões como o Sudeste, também influenciado pela presença estrangeira. No caso de São Paulo, verifica-se a inserção das práticas físico-desportivas italianas e alemãs voltadas às atividades náuticas nas margens do Rio Tietê, com a natação e o remo (NICOLINI, 2000).

No *Sport Ilustrado* foram identificadas diversas menções da influência alemã nas práticas esportivas femininas brasileiras, tanto no território sulista quanto em São Paulo, o que ratifica que esses estados/regiões e a presença das tradições físico-esportivas germânicas foram marcantes para expansão das mulheres no Esporte brasileiro. Em 1940, em reportagem publicada no periódico, destaca a expressão de equipes femininas de clubes e/ou associações, dentre eles, S. C. Germania, A. Allemã, C. A. Paulistano, Tietê-São Paulo, C. Esperia no Campeonato Paulista de Atletismo: “[...] as moças-loiras, seguem o exemplo das mulheres alemãs, que abraçam o *sport* como uma causa-forte” (p. 21).

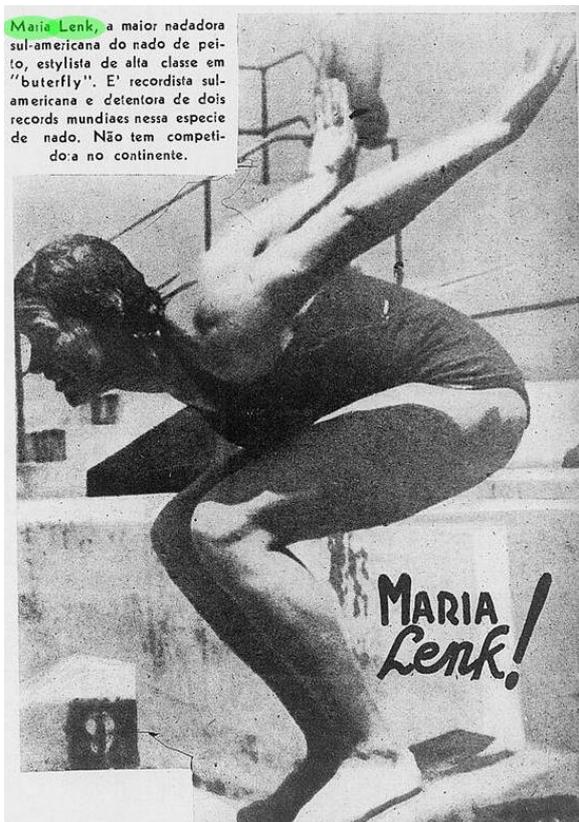
Esse contexto de influência germânica teve a nadadora Maria Lenk como exemplo de destaque, o nome da nadadora foi citado 190 vezes nas publicações do *Sport Ilustrado* de 1920 a 1956. A natação particularmente na questão das mulheres obteve um incentivo no decorrer do final do século XIX ao século XX, o que se supõe uma influência dos imigrantes italianos e

alemães que apresentavam a referida prática esportiva como elemento admirável de suas culturas esportivas originárias, possibilitando a sua prática às mulheres. Em São Paulo, onde Maria Lenk viveu a sua juventude, muitos clubes como o “Clube Estrela” foram formados nas margens do rio Tietê (NICOLINI, 2000).

No cenário esportivo da época, Maria Lenk consagra-se como campeã em quatro anos seguidos da “Travessia de São Paulo”⁸, em 1932, 1933, 1934 e 1935. Em 1932, nos “Jogos Olímpicos de Los Angeles”, Estados Unidos, ela consagrou-se como pioneira na representação feminina da América do Sul, vindo a competir na prova de 100m livre, 100m costas e 200m peito. Em 1940, na preparação para os “Jogos Olímpicos de Tóquio”, ela alcançou dois recordes mundiais: na prova de 400m do nado peito, primeira marca obtida por um nadador brasileiro; e na prova de 200m com o mesmo nado.

Esse contexto esportivo garantiu a Maria Lenk diversas fotos nas edições do Sport Ilustrado, desde homenagens às vitórias em provas da natação nacional e internacional, as glórias de recordes nas piscinas até à valorização da feminilidade da mãe em uma reportagem sobre o nascimento de seu filho.

⁸ A “Travessia de São Paulo” era uma prova de natação de longa distância (5.500 m), realizada no Rio Tietê, na capital paulista, entre 1924 e 1928, sendo interrompida por quatro anos até retornar em 1932, e terminar em 1944. Essas competições obtiveram grande popularidade nas décadas de 1930 e 1940, sendo consideradas como as “São Silvestre da Água” (NICOLINI, 2000).



Figuras 02 e 03 – A “atleta-mulher-mãe” Maria Lenk
Fonte: Sport Ilustrado, Rio de Janeiro, 1940.

Havia algo a ser provado e questionado no nascimento do filho de Maria Lenk, a reportagem mostra e valoriza que uma mulher de tantos feitos esportivos também poderia gerar filhos, justificando a noção de que a mulher não perderia (ou não deveria perder) o seu papel de mãe ao se engajar no Esporte. Nessa reportagem, evidencia-se que no final da década de 1930 foram demonstrados questionamentos acerca da naturalização da visão da mulher nas práticas esportivas, mormente, em relação a discursos que perpetuavam a ideia da mulher, não mais afastada do Esporte, mas ainda voltada a práticas de direcionamento à saúde e beleza corporal, devendo ser desenvolvidas sem os exageros da prática competitiva.

Em 18 de maio de 1938 foi publicada uma reportagem intitulada “Proclamando a verdade”:

A mulher pode e deve se entregar á modalidade educativa que a maioria dos sports encerra, todavia, sem certos excessos, os quaes, bastas vezes acarretam sérios perigos de ordem physiologica, visto não possuir a mulher, normalmente, a energia do homem e não poder seu organismo, sem o perigo das grandes fadigas phisicas e nervosas, methodisada, só lhe pode trazer vantagens (Sport Ilustrado, p. 03, ano 1, n.6).

Os discursos eugênicos perduraram pelas décadas de 1930 a 1950 como central na visão das mulheres nas práticas esportivas. Deive (2018) em um estudo histórico sobre a trajetória da nadadora brasileira Piedade Coutinho, ícone no século XX, salienta que o cenário da natação era favorecido e estimulado, pois, corroborava com os propósitos higiênicos e eugênicos do Estado, tanto que isso repercutiu na década de 1930, na construção de piscinas e no aumento do número de competições. A eugenia engendrava a ideia de que a mulher seria favorecida com as práticas de exercícios, quando essas pretensões não restringissem ou anulassem o seu papel de “mulher-mãe”. A maternidade posicionaria a mulher-mãe em um “não lugar no Esporte”, assim, Maria Lenk transitava em um trinômio questionado pela época: “atleta-mulher-mãe”.

Em 26 de outubro de 1938, aparece em reportagem a 1a. Equipe feminina de Voleibol do Astréa de João Pessoa (Paraíba), junto à exposição mostra-se outro time de voleibol feminino de mesma região do Parahyba Club e uma dupla do tênis feminino do Rio de Janeiro. As mensagens na reportagem impressionam pelo teor eugênico do discurso:

A mulher brasileira hodierna rompeu de vez os tentaculos que as transformavam em verdadeiras flores de estufa; as nossas patricias encantadoras desligaram-se de vez do convencionalismo archaico e prejudicial por ante-eugenico, que as prendiam, numa vida insipita e sem beleza entre quatro paredes... Felizmente para o Brasil; felizmente para a perfeição de nossa raça. (Sport Ilustrado, p.21)

O mesmo conceito de “mulher” e seus significados sociais que abarcavam a visão eugênica foram destacados em algumas situações da

trajetória esportiva de Piedade Coutinho. As proezas esportivas das atletas, como a participação da nadadora no VII Sul-Americano no Chile em 1941, que lhe garantiu a marca dos 50,5 dos 174 pontos da equipe feminina e o título de melhor atleta do evento, receberam ínfimo destaque da mídia, ou mesmo, a beira do silêncio e invisibilidade em comparação ao louvor demonstrado aos feitos das equipes masculinas.

A maternidade de Piedade Coutinho, assim como identificada na trajetória de Maria Lenk, foi forjada constantemente pela mídia das décadas 1930 e 1940 como exaltadora da importância ao atendimento de papéis de gênero e à exigência social da maternidade (GOELLNER, 2008; DEVIDE, 2018). Aos 27 anos, a nadadora vence todas as provas de nado livre do Campeonato Sul-Americano de 1946 em Buenos Aires, evento que marcou o seu retorno às competições fora do país, além de invicta na América do Sul nas provas de nado livre, dos 100 aos 1500 metros, no entanto, o Sport Ilustrado destacou na ocasião: “[...] dando combate às suas marcas antigas, ao poderio da juventude... Ontem, notável feito, [...] hoje, senhora, mãe de um filho, mas sempre firme em busca de novas glórias”.

As *Sportswomen!* É possível ter uma imagem das mulheres nas primeiras décadas do século XX?

Sim, é possível ter uma “imagem” das mulheres no contexto esportivo do começo do século XX, todavia, sob diferentes papéis e interpretações. A partir da leitura do Sport Ilustrado, foi analisado o papel das mulheres nas associações esportivas também ressaltado em imagens (fotografias) que dissertaram sobre a participação feminina nesses espaços.

Segundo Rodrigues (2007), para a análise de fotografias é necessário que se tenha bastante cuidado ao observar as informações denotativas e conotativas da imagem para, a partir disso, tematizar o objeto que está sendo vinculado, dando real sentido no contexto ao qual a imagem está sendo

utilizada como fonte de referência. A partir disso buscou-se, então, entender como foi o contexto ao qual as imagens estavam inseridas, não somente compreendendo e analisando-as, mas avaliando-se o paradigma social no qual foram registradas.

Foram identificadas 15 menções ao termo *sportswoman*⁹ no Sport Ilustrado, no período analisado de 1920 a 1956, sendo que as duas primeiras citações ocorreram em 1920, seguindo para novas citações a partir de 1938, nas quais passa a se evidenciar uma associação mais próxima com a ideia da mulher enquanto esportista¹⁰.

A primeira menção à *sportswoman* na década de 1930 foi intitulada de “O encantamento da mulher glorificando o Sport!”, ressaltando o admirável efeito da imagem da “loirinha Sholtz”, na prática da ginástica de aparelhos no Club Desportivo Alemão: “[...] concorre para seus movimentos tenham rythmo, a graça e [...] que as fazem encantadoramente e impressionantes de perfeição feminil”. A reportagem finaliza com: “E assim corre a vida no Club Desportivo Allemão entre o sorriso e a beleza das suas loiras e impressionantes figurinhas e o entusiasmo e perfeição dos seus atletas!” (sp).

Pelo discurso subentendido na reportagem havia dois polos, de um lado as belas loirinhas e, de outro, os talentosos atletas, o que se coloca no gênero masculino, não se compreendendo como a todos, mas particularmente a eles, sobretudo, pelo fato que na mesma reportagem ressaltam-se, além da *sportswoman* no cavalo, algumas acrobacias dos demais atletas, no caso, homens. Há a valorização do talento físico e esportivo dos homens e a supremacia da beleza e feminilidade da *sportswoman*, mesmo se reconhecendo que no Esporte as valências imperativas dizem respeito ao potencial físico e não ao belo, esses simbolismos e prerrogativas no discurso, afastaram as mulheres por muitas décadas do reconhecimento de seus potenciais atléticos subjugados a referências masculinas.

⁹ Também foram identificadas três menções ao termo *sportswoman*.

¹⁰ Termo utilizado na época referente a inserção esportiva.

O corpo masculino representado pelos atletas em torno da *sportswoman* simbolizaria, nas entrelinhas, a compatibilidade do corpo esportivo com a imagem de força, inerente ao masculino, enquanto, o corpo feminino estaria sempre ressaltando a prerrogativa considerada “naturalmente” pré-estabelecida à beleza e graciosidade.

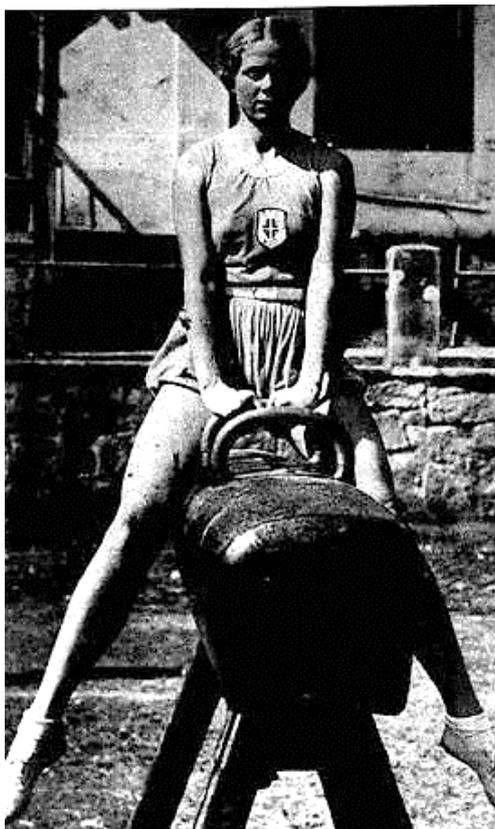


Figura 04 – “Loirinha Sportswoman”

Fonte: Sport Ilustrado, n. 18, 10 de agosto de 1938.

O Sport Ilustrado apresentava uma coluna intitulada o ALBUM do “fan’ sportivo” que mostrava fotografias de atletas conhecidos dos clubes, em caso da exposição de mulheres, corriqueiramente aparecia nas legendas ou nos títulos das figuras, o jornal retratando-as como “lindas” e “encantadoras”, no caso das figuras de homens, as legendas se remetiam ao seu talento e habilidades atléticas “nadador veloz”, “corredor de extrema resistência”. Nota-se que, mesmo atuando no campo esportivo como atletas, as mulheres eram

vistas como graciosas e embelezadoras (conotações não prioritárias no contexto esportivo) e não, efetivamente, como atletas.

Adelman (2011) traz o conceito de homosocialidade, tendo-a como construção histórica de uma sociabilidade masculina que abrange os espaços públicos. Para a autora, historicamente, o cotidiano foi ocupado por essa homosocialidade, garantindo que as mulheres fossem afastadas, ou mesmo, apagadas de espaços nos quais se viabilizam campos de poder, a construção dos discursos, relações de negócios, resumindo aos espaços do que “realmente importa” na perspectiva social, enquanto a elas foi imposta a domesticidade de seus gestos, atos e interesses. O imaginário social constituído no campo do Esporte faz valer a simbolismos de graciosidade e beleza prevalentes frente às potencialidades físico-esportivas, levando-as a representações de inaptas ao Esporte.

Ao final da década de 1930 para a década de 1940 torna-se mais comum a identificação de registros de mulheres em prática, ou mesmo, em competição. Somente nesse período é que elas começaram a ter uma visibilidade nas reportagens do Sport Ilustrado como parte do contexto esportivo dos clubes da época. Vitor Andrade de Melo (2007) ao retratar os primeiros passos da história do turfe no Rio de Janeiro e a inserção feminina na prática, ressalta um contexto que foi também pertinente em vários aspectos a outras modalidades esportivas no Brasil. No século XIX, o turfe consolidou-se como uma alternativa de diversão, agregando pessoas de diferentes estratos sociais, contudo, essencialmente ocupou um caráter de elitismo com a associação ao espaço de dirigentes e sócios dos clubes, em busca de *status* e distinção social, funcionando até mesmo como estratégia direta e indireta de negócios. Ainda para o autor, por mais que a restrição às mulheres nas práticas esportivas tenha perdurado, as mudanças na sociedade trouxeram um novo imaginário, o que se faz perceber que gradativamente, já no início do século XX, os espaços esportivos passaram a ter a imagem de mulheres retratadas em trajés esportivos conjunta a dos homens, ainda em uma

perspectiva mais *idealizada* do que *concreta*, entretanto, sinalizando a propulsão de mudanças na identidade social da mulher.

Na análise das reportagens a partir da década de 1940, notam-se alterações na representação das mulheres, compreendidas como atletas, todavia, ainda suas participações plenas sendo obstaculizadas pelos simbolismos sexuais da exacerbação da beleza e do encanto do mundo feminino:

[...] Nada mais natural, pois, que, surgindo nos meios acadêmicos e universitários, se impuzesse desde logo como rainha. As razões que lhe assegura a predominância onde quer que surja, não iriam desaparecer pelo simples fato de também se encaminhar para um setor até certa época não palmilhado — o do esporte. A concepção que se tem das atividades esportivas é presentemente de tal modo elevada que até seria de estranhar ficasse a Mulher à margem das suas realizações. Felizmente tal não aconteceu e em pouco, como nos demais setores das atividades humanas, surgiu a Mulher a impor nas quadras, nas piscinas, nas pistas, nos campos e até nos espaços **a sua graça, o seu encanto e a sua beleza**. Veiu primeiro como simples espectadora, curiosa dos detalhes que fazem germinar os grandes empreendimentos esportivos. Inteligente, arguta, sagaz, dona de um extraordinário dom de observação e de um raro poder de assimilação, em pouco se tornava a Mulher entusiasta e praticante. [grifo meu] (Sport Ilustrado, 19 de junho de 1941, pp. 25 – 27).

Como ressalta Fabiano Devidé (2004, p.132) esses registros das práticas físicas femininas apareciam “[...] como uma rede de estratégias para manter a graciosidade feminina, ao lado da prática esportiva não competitiva”. Da mesma forma, a esgrima e outras práticas, independentes de suas origens como elemento de preparação militar, configuraram-se no decorrer das décadas, como um exemplo do que Judith Butler chama de naturalização dos processos ou construções sociais, maiormente, na crença de que os efeitos dos gêneros são justificados por diferenças biológicas intransponíveis, e que delimitam normas de inteligibilidade social (BUTLER, 2014).

A naturalização de questões sociais cria o caminho para o preconceito, no caso o sexismo, pois envolvem a implementação de uma forma sistemática de discriminação que tem o gênero e a sexualidade como fundamentos, e que

se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos a partir de seu gênero e/ou sexualidade. Em uma publicação de 18 de maio de 1938, o *Sport Illustrated* publicou uma reportagem intitulada “De numero a numero... proclamando a verdade”:

A mulher pode e deve se entregar á modalidade educativa que a maioria dos sports encerra, todavia, sem certos excessos, os quaes, bastas vezes acarretam serios perigos de ordem physiologica, visto não possuir a mulher, normalmente, a energia do homem e não poder se organismo, sem o perigo das grandes fadigas physicas e nervosas, methodisada, só lhe pode trazer vantagens.

Dunning e Maguire (1997) ao contextualizarem as “relações entre os sexos no Esporte” sublinham que as primeiras décadas do século XX dinamizaram transformações na organização da família, surgimento de novas relações de trabalho com a ascensão da mão de obra feminina, conquista dos direitos femininos sufragistas, essas alterações foram subjetivadas como ameaça ao mundo masculino com o que se considerava a tendente “feminização” da sociedade. Nessa conjuntura, os fundamentos tradicionais da identidade masculina foram balizados nas práticas oficializadas e organizadas do Esporte, passando essas, a serem reconhecidas como a principal experiência de validação da masculinidade.

O Esporte foi definido, desde sua origem, como um espaço detentor e reafirmador da masculinidade, e tem-se colocado historicamente a força e violência como aspectos que especificam e marcam essas práticas como parte do mundo dos homens e não das mulheres, sendo subjugadas a provarem que detêm esses potenciais para serem inseridas no Esporte, vivenciando um contexto que estarão sempre sobre o julgo da comparação, dentro de um modelo de referência previamente definido, no caso, o masculino. O Esporte, historicamente, tem engendrado a manutenção da supremacia masculina, que trabalha hoje com um padrão estético, biofisiológico, cultural e social que afasta o feminino, e exacerba o masculino.

A Presença Histórica da Mulher no Esporte Universitário

O acesso das mulheres às escolas superiores de Educação Física, particularmente, a partir da década de 1930 foi marcante para a presença feminina no Esporte, isso porque muitas das mulheres então universitárias participavam de campeonatos. Como até 1934 não havia no Brasil escolas superiores de Educação Física que aceitassem a entrada de mulheres como alunas, surgiram na criação da Escola Superior de Educação Physica de São Paulo (ESEP) e na formação de sua primeira turma, as professoras de Educação Física pioneiras no Brasil. A 21 de dezembro de 1905, o Congresso Nacional aprovou um projeto de lei do Dr. Jorge de Moraes, cujo artigo primeiro trazia os seguintes termos: “Art. 1º - Ficam criadas duas escolas de Educação Física, sendo uma militar e outra civil”. Em 1934, a primeira instituição que surgiu para a formação de civis foi a “Escola Superior de Educação Physica de São Paulo” (ESEP), fato que possibilitou já na sua primeira turma o ingresso de mulheres.

Em São Paulo, a fundação da Federação Universitária Paulista de Esportes - FUPE coincidiu com a fundação da Universidade de São Paulo-USP em 1934. A FUPE teve papel destacado no Esporte Amador paulista, tendo sido, inclusive, fundadora de outras Federações, tais como a de Futebol de Salão (HATZIDAKIS, 2006).



Figura 05 – Torneio de Atletismo - FUPE¹¹ (1951)

Fonte: Arquivo Particular de Ida Zabeu (central na imagem), aluna da ESEP¹² em 1950.

A relação entre o amadorismo e o esporte universitário foi formada ao longo da década de 1930, não havia remuneração aos atletas que compunham as equipes universitárias, contudo, como naquele contexto as universidades eram ocupadas, em grande parte, por camadas econômicas mais abastadas da sociedade, o esporte acadêmico tornou-se um símbolo de distinção que carregava os valores e a essência do esporte amador. Vale ressaltar que esse contexto não restringia o fato de uma parte considerável dos estudantes também participarem dos certames atléticos defendendo seus clubes de origem (FARIA PESSOA, 2022). Alunas das primeiras turmas de Educação Física da Escola Superior de Educação Physica (ESEP) nas décadas de 1940 e 1950, destacaram em estudos de história oral (CHIÉS, 2009, 2019), a importância do Esporte em suas histórias profissionais, nas lembranças das competições no campo universitário e como essas experiências subsidiaram os seus trabalhos pedagógicos como professoras de Educação Física.

¹¹ Federação Universitária Paulista de Esportes – FUPE, fundada em 18 de setembro de 1934. Disponível em: <www.fupe.com.br>. Acesso em 07 de julho de 2023.

¹² Fotografias cedidas pelas entrevistadas na pesquisa de doutorado: Paula Viviane CHIÉS, *A trajetória profissional de mulheres na Educação Física: Estudo psicossocial de gênero, identidade e trabalho em profissões masculinas*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, São Paulo, 2009.



Figura 07 - A turma de alunos e alunas da ESEP em 1950
Fonte: Arquivo Particular de Ida Zabeu, aluna na década de 1950 da ESEP¹³.

Para Dalsin e Goellner (2006), as práticas esportivas femininas na época podem ser consideradas como amadoras, tanto que as mulheres praticavam diferentes modalidades ao mesmo tempo, e o processo de treinamento era extremamente “artesanal”. As autoras, ao abordarem o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 1950 e 1960, destacaram que, além da criação de ligas esportivas como a Liga Atlético Porto-Alegrense (LAPA) que, em 1927, originou a Liga Atlético Rio-Grandense (LARG), a ampliação do número de competições favoreceu o interesse crescente, dando visibilidade ao voleibol no Rio Grande do Sul, afora a própria industrialização que se compreende ter emergido, não apenas no referido estado sulista, mas em todo o Brasil próximo à década de 1950.

Como demonstrado na figura 05, assim como em reportagens identificadas na imprensa esportiva, observam-se as roupas delineadas e

¹³ Fotografias cedidas pelas entrevistadas na pesquisa de doutorado: Paula Viviane CHIÉS, *A trajetória profissional de mulheres na Educação Física: Estudo psicossocial de gênero, identidade e trabalho em profissões masculinas*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, São Paulo, 2009.

selecionadas de forma específica para a prática e competição esportiva feminina (SOARES, 2011), uma mudança que parece acompanhar as alterações de significados que as mulheres passam a ter no Esporte. Portanto, as indumentárias servem socialmente para se esconder o corpo do olhar do outro, assim como, mostrarem apenas o que se pode ser revelado e evidenciar sob apurados modos e mensagens. As roupas trajadas pelas mulheres em imagens destacadas, principalmente, a partir da década de 1940 na imprensa esportiva brasileira, não são mais aquelas das espectadoras dos eventos esportivos, mas de mulheres que se tornaram *sportswomen*. Distinta a significância que se tinha da mulher no Esporte, a do homem no Esporte, no entanto, identificam-se indícios de uma ampliação de possibilidades e potencialidades na inserção esportiva da mulher: “as roupas afirmam traços humanos, revelam pertencimentos ou exclusões, assim como diferenças entre uma natureza corporal e as marcas da cultura [...]” (p.82).



Figura 06 – Universitárias glorificando o Esporte

Fonte: Sport Ilustrado, n. 167, 1941.

Klippel et al. (2010) ao desenvolverem um estudo sobre os primórdios do esporte na cidade de Vitória, logo, afastando-se do eixo esportivo Rio-São Paulo, buscaram compreender como as mudanças no contexto urbanístico da

cultura capixaba influenciou na expansão das práticas esportivas na cidade. No contexto esportivo capixaba, nas primeiras décadas do século XX, o estudo destacou como o esporte na referida cidade, evidenciou suas relações com um processo de transformações nos hábitos de vestuário das pessoas, de forma premente, com as mulheres, como sinal de interesse e de inserção esportiva gradativa, com a exposição ampliada de diferentes partes do corpo feminino. Dessa forma, com abordagem metodológica documental na Revista Vida Capichaba¹⁴ de 1925 a 1940, os/as autores/as inferem que, ao mesmo tempo, que a época incentivava a prática esportiva das mulheres, tinha essa participação policiada pela preservação da moral cristã e permanência da vida patriarcal, cuja prerrogativa era de que a mulher deveria ser sempre bela, frágil e terna, enquanto os homens, os *sportmans*, estariam no *lugar certo*, no esporte, tendo a idealização do corpo masculino, na exposição da força e resistência, demarcando o seu espaço e supremacia.

Deve ser ressaltado que a partir da década de 1940, começa-se a considerar citações e destaque à importância da formação atlética das mulheres, até mesmo, com as primeiras repercussões dos cursos superiores da área com a presença de civis, como também a propagação no Brasil ainda de pensamentos eugênicos prementes em países da Europa no período da Segunda Guerra Mundial que levavam a crer na prerrogativa benéfica da formação física da mulher (MARINHO, 1943).

A formação atlética e o destaque de algumas campeãs nas práticas esportivas, dentre elas, a natação, não foi suficiente para efetivamente superar a (in)visibilidade das mulheres como atletas. Mesmo com mulheres se destacando no campo esportivo das décadas de 1940 e 1950, a visão social da mulher enquanto atleta, competidora de elite, não era aceita e sim era condenada moralmente pelo sexismo, junto a isso havia o mascaramento do

¹⁴ Nas primeiras décadas do século XX, em Vitória, as cenas esportivas vislumbradas na cidade eram registradas pelos principais meios de comunicação da época, dentre eles: o jornal O Diário da Manhã, A Gazeta, a Revista Chanaan e a Revista Vida Capichaba (KLIPPEL et al., 2010).

preconceito pela justificativa de que o “exagero da prática poderia prejudicar a saúde da mulher”, sobrepondo-se o discurso higienista sob a participação feminina no Esporte:

O sport é da maior utilidade à mulher, mas sem exagero demasiado, é, entre a vida confinada entre quatro paredes das casas de nossas avós e certos exageros de sport em competição com homens de grande robustez, há um meio termo de que convirá não afastar muito, se a mulher quer melhorar a saúde com o sport e não com ele e não com ele deteriorar um dos melhores bens que se pode gozar na vida: a saúde (Sport Ilustrado, p.27, 1940)

A exaltação da beleza feminina também aparecia como instrumento de limitação dos atributos atléticos da mulher, havendo uma preocupação na hierarquia dentro dessas relações, o discurso da imprensa esportiva aparentemente ressaltava: “não deixem que a prática esportiva da mulher possa se sobrepôr à delicadeza e beleza da mulher”. As imagens das mulheres no jornal privilegiavam essa simbologia estética, trazendo fotos de atrizes (Diane Cooke e Sally Payne) de Hollywood¹⁵. O direcionamento de imagens que destacou os atributos de beleza das mulheres, ao invés de atributos esportivos, foi revelado em diferentes dados recolhidos e analisados no estudo, nisso observou-se mulheres em pose para difusão de imagens distorcidas e afastadas da mulher no Esporte, principalmente, engendradas na perspectiva da mulher dentro de um espaço que não era dela e que se colocava como coadjuvante para embelezar uma prática que deveria em si ser definida como de homens.

Conclusão

A história tem sido um território de empoderamento de mulheres no Esporte, e isso se mostrou também no processo de transformações da participação feminina na criação dos primeiros clubes esportivos no Brasil. A

¹⁵ Sport Ilustrado, Rio de Janeiro, p.27, 1940.

trajetória histórica de mulheres na prática esportiva, seja como coadjuvante ou como atletas sinaliza caminhos de luta, de resistência e, acima de tudo, marca o campo de demandas a novas conquistas.

As mulheres no contexto inicial de formação das primeiras associações esportivas tiveram um espaço restrito de possibilidades de participação esportiva, muitas dessas oportunidades descaracterizadas do sentido de Esporte e levadas a uma caracterização de “assistencialismo” social ou de exposição de modelos de beleza femininos. No decorrer do tempo, com a visibilidade de algumas atletas, mulheres agora membros atuantes do Esporte amador, elas ainda ficaram subjugadas a uma valorização de seus potenciais aquém do considerado nas práticas dos homens. Um instrumento para esse demérito das mulheres no Esporte, diversas vezes, foi fundamentado pela ideia de que essas mulheres estavam “trilhando um espaço que não era delas”, um “não lugar” no Esporte, portanto, consideradas invasoras de um universo esportivo em si conjugado pelo e para os homens.

A análise do percurso histórico e caracterização das participações das mulheres no contexto esportivo é um caminho para o reconhecimento da existência da desigualdade, não apenas no espaço e visibilidade que a mídia deposita nas equipes esportivas femininas e masculinas, mas como essas depreciações afetam as formações humanas desenvolvidas nas escolas, pois esse sexismo perdura e ainda viabiliza discursos que retiram das meninas a amplitude de possibilidades potencializadas pela cultura corporal. O Esporte visita a escola, tornando-se uma referência do caráter excludente de práticas voltadas para a competição e aptidão física, assim, adentra sem o trato pedagógico exigido para a problematização e combate dessas discriminações.

Ainda é incipiente a produção de conhecimento que leve o campo da Educação Física a compreender os passos históricos da participação feminina no Esporte, isso justifica a importância da presente análise e sinaliza a relevância e demanda de mais estudos que esclareçam com um caráter crítico, a memória daquelas e daqueles que foram esquecidos pela história oficial.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades' diferentes'. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, p. 931-954, 2011.

BANDY, Susan J. Gender and sports studies: an historical perspective. *Movement & Sport Sciences-Science & Motricité*, n. 86, p. 15-27, 2014.

BURKE, P. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: UNESP, 2017.

BUTTLER, J. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.42, 2014.

CHIÉS, P.V. *A trajetória profissional de mulheres na Educação Física: Estudo psicossocial de gênero, identidade e trabalho em profissões masculinas*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, São Paulo.

CHIÉS, P. V. Você desiste? Não desisto, e vou ficar bem na frente! o sexismo nos relatos orais de professores de Educação Física. *Recorde*: Rio de Janeiro, v. 12, n.01, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/25672>.

COUTO, A. A. G. *Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. 2016. 346f. Tese (Doutorado em História). Curso de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DACOSTA, L. (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

DALSIN, Karine; GOELLNER, Silvana Vilodre. O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 153-171, 2006.

DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 125-144, 2004.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. História de vida de Piedade Coutinho como ícone do esporte feminino brasileiro no século XX. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 21, n. 2, 2018.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 321-348, 1997.

FARIA PESSOA, Vitor L. de. Esporte universitário na década de 1930: "uma expressão do amadorismo". **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/52786>

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA PAULISTA DE ESPORTES – FUPE, fundada em 18 de setembro de 1934. Disponível em: www.fupe.com.br. Acesso em 07 de julho de 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1 (jun. 2008), p. 1-28, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/790>.

HATZIDAKIS, G. Esporte universitário. In: DACOSTA, L. (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

HOFMEISTER, C. *Pequena História do Remo Gaúcho*. Porto Alegre: CORAG, 1979.

KILPP, C. E; MAZO, J. Z; LYRA, V. B. Um olhar histórico sobre a emergência dos primeiros clubes esportivos na cidade de Teutônia, no Rio Grande do Sul. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1, jan/abr.2010.

KLIPPEL, Victor Estevam et al. A emergência do esporte em Vitória nas primeiras décadas do século XX (1925-1940) a Revista Vida Capichaba e as mudanças no vestuário. III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte - *Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular*. Niterói – RJ, 23 a 25 de setembro de 2010.

LANTANERI. O sport e a mão da mulher. *Sport Illustrado*, Rio de Janeiro, 1920.

MARINHO, I. P. *Contribuições para história da Educação Física*. 1943

MAZO, J.Z; FROSI, T. O. Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.30, n. 2, p. 57-72, jan. 2009.

MAZO, J. Z; SILVA, C. F.; LYRA, V. B. As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas. *Licere*, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, set/2010.

MAZO, J. Z.; PEREIRA, E. L. Primórdios do esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo. *Memórias do esporte e do lazer no Rio Grande do Sul*, p. 15-26, 2013.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, Rio de Janeiro, v. 27, p. 127-152, 2007.

MURILHO DA SILVA, E. A mulher nos estádios: das plumas ao disfarce. *Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisa em Moda*, v. 04, n. 09, 2010.

NICOLINO, H. *Tietê – o rio do Esporte*. São Paulo: Phorte, 2000.

O ENCANTAMENTO DA MULHER GLORIFICANDO O SPORT. *Sport Illustrated*, Rio de Janeiro, n.18, 1939.

PROCLAMANDO A VERDADE. *Sport Illustrated*, Rio de Janeiro, ano 1, n.6, 1938.

QUAL A MAIS BELLA TORCEDORA CARIOCA? *Sport Illustrated*, Rio de Janeiro, n.24, 1921.

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. *IBICT Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, Porto Alegre. Vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, C. F.; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. Uma abordagem historiográfica sobre a participação das mulheres nas associações de remo em porto alegre. *Revista Didática Sistêmica*, Porto Alegre, v.12, 2010.

SOARES, C. L. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). Dossiê: Pedagogias, Racionalidades e Representações do/sobre o Corpo (XIX-XX). *Pro-Posições*, v. 22, n.3, 2011.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 28-62, 1994.

TORNEIO CARIOCA DE BASQUETEBOL. *Revista de Educação Física do Exército*, Rio de Janeiro, v.02, n.08, 1933.

WOOLF, V. *A Sra. Dalloway*. São Paulo: Novo Século Editora, 2021.

Doutorado em Psicologia Social (PUCSP). Mestrado e Bacharelado em Educação Física (EEFE/USP). Licenciatura em Educação Física e Pedagogia. Docente do curso de Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Grupo de Estudos Socioculturais e Pesquisa em Educação Física – GESPEF. E-mail: paula.chies@ueg.br, Porangatu. Goiás. Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-4828-1126>